
O PRAZER DE BRINCAR

**A criança, para desenvolver-se harmonicamente, precisa brincar.
O brincar significa “conhecer”,
significa “abocanhar o mundo lendo a alma das coisas”,
significa ter prazer em viver...**

Neiva Coelho Paim

Ah! Se eu pudesse voltar ao útero materno e de lá resgatar todas minhas travessuras!
Ah! Se eu pudesse lembrar de todas as brincadeiras que fazia, imersa naquela água morninha, palpitando a dois corações, na penumbra do aconchego de minha mãe...

Nascemos para o Mundo, prontos para brincar. O Nascer, ato institucionalizado como doloroso, não passa de uma grande brincadeira. O espaço interno não nos suporta mais. Queremos expandir nossos movimentos, nos esprememos todinho, damos algumas reboladas e iniciamos a descida pelo nosso primeiro “escorregador” na Vida. E este tobogã maravilhoso está repleto de curiosidades pelo caminho e viemos olhando tudo, sem perder nadinha...

Mas eis que surge o espaço exterior com sua luz ofuscante. Fecho os olhos estarecida, acostumando a visão. Será que este clarão é prenúncio de novas maravilhas? O som da voz de minha mãe dizia que lá fora era lindo, que eu devia nascer logo, que ela me esperava para muitas brincadeiras. Meu pai, então!... Encostava a cabeça em mim, empurrando-me no espaço e sussurrava, prometendo grandes traquinagens...

Aqui fora, não é o que eu esperava! Quero mexer-me mas não posso. Logo me apertam, me viram, me molham, me enrolam... É tudo tão rápido, que nada enxergo. São sons e são vozes que não registro. Onde está minha mãe?

MANHÊ!!!!...

É assim que acontece... Desde o primeiro momento, neste mundão, vamos desaprendendo o *prazer de brincar*. As circunstâncias que envolvem as brincadeiras vão sufocando este prazer e nos transformamos em adultos sérios, estarecidos. Pouco a pouco vamos abandonando o mundo dos brinquedos e nos lançando em outras experiências, nem sempre tão prazerosas.

Há autores que defendem ser o brinquedo o fundamento da cultura. Aberastury acrescenta que *“os dois brinquedos fundamentais, que aparecem na primeira e segunda metade deste ano (do primeiro ano), estão os fundamentos de todos os desenvolvimentos posteriores da atividade lúdica e de toda atividade sublimatória.”*

Na verdade, toda a expectativa de Mundo, canalizada nos primeiros momentos à nossa mãe e, logo em seguida à figura paterna, permitem superar nossas dificuldades de desenvolvimento. Se o Mundo, de início, não é um brinquedo em potencial; se as circunstâncias não nos permitem ter somente prazeres, de uma certa forma, encontramos mecanismos para superar este transtorno.

Precisamos adaptar-nos a um novo espaço, muito diferente daquele chamado “útero materno”. E não nascemos prontos a essa adaptação. Nossos sistemas em formação e em construção limitam esta capacidade, que precisa de tempo para evoluir. Mas o Mundo está aqui, à nossa volta. E começamos a usá-lo, simultaneamente à constituição de

nossos sistemas e à evolução de nossas possibilidades adaptativas.

A exploração desta “teia” que nos envolve marcará situações prazerosas ou não. Freud já dizia que *“uma criança brinca não somente para repetir situações satisfatórias mas também para elaborar as que lhe foram traumáticas e dolorosas.”* Exteriorizar seus medos, angústias e problemas internos, através do brinquedo, é domina-los por meio da ação. As compensações feitas na ludicidade permitem tirar da passividade seus sofrimentos, modificar desfechos que não lhe agradaram, trabalhar papéis e/ou situações proibitivas e reproduzir inúmeras vezes outro tanto de momentos prazerosos. É na substituição do objeto real pelo brinquedo, que se encontra a garantia de manutenção das relações futuras.

Um menino, estudado por Freud, brincava de fazer aparecer e desaparecer seu carretel, tentando vencer a angústia que lhe causava o abandono da mãe. Outro menino, de menos de dois anos, que havia ganhado um irmãozinho nos dias que antecederam o Natal, brincou durante horas de afogar, a imagem do Menino Jesus, retirada do Presépio, depois salvava-o e o colocava no lugar. Descarregava, assim, seus afetos contraditórios, tentando adaptar-se à situação. É freqüente que, uma criança que sofreu uma experiência penosa de uma operação, elabore uma brincadeira com um companheiro ou com um boneco, onde esses padeçam, enquanto ela assume o papel de cirurgiã. Crianças que têm dificuldade na escola, costumam brincar de “aulinha”, assumindo papéis de professores severos que castigam e repreendem as crianças que se enganam e não aprendem. Uma das primeiras brincadeiras observadas na criança – a de esconder-se – tem o significado de tranquilizá-la da possível destruição ou desaparecimento daquilo que ama, e se concretiza na construção do objeto permanente.

Há uma evolução criteriosa no desenvolvimento do brincar. Crianças de diferentes idades brincam de diferentes coisas e com diferentes brinquedos, mas a evolução deste brincar se repete sempre, seguindo uma ordem quase linear e observando alguns critérios bem peculiares. Mesmo que brincadeira, brinquedo e jogo se confundam numa primeira instância, os três termos se referem e dão significado a mesma coisa: atividade lúdica e prazerosa.

O primeiro jogo, que aparece no bebê, quando ele repete gestos já aprendidos, sem uso necessário, mas por puro prazer, foi observado por Piaget e caracterizado por ele como jogo de exercício. Nele, o bebê exercita o gesto aprendido de forma a não desaprendê-lo, que *“não tem outra finalidade se não o próprio prazer de funcionamento”* – como afirma Piaget. Este é um brinquedo que tem a ver com seu próprio corpo e com as reações que ele provoca. Ele vem substituir seu brinquedo anterior – a mãe – centralização de tudo. A voz, o cheiro, a pulsação, a pele, tudo nela lhe faz conhecê-la em potencial. Seus nove meses dentro dela lhe possibilitam isso! Mas agora, as alternativas de ver o Mundo vão lhe oferecendo distinções e definindo novos conceitos em novos espaços. E a coordenação deste novo Mundo lhe permitirá estabelecer novos brinquedos. Seu pai, seu próprio corpo e os objetos.

A coordenação gradativa de seus atos reflexos vai dando, à criança, cada vez mais capacidade de adaptações. Olhar/pegar/trazer-para-si são como as “descobertas do Mundo Novo”! Pegar/sacudir/bater/soltar produzem as mais variadas reações, em si e nos objetos. Estas primeiras coordenações, que originam esquemas motores cada vez mais complexos, são apenas descobertas, enquanto não se repetem estabelecendo um sistema, e não transformam a expressão da criança de puro espanto em delicioso prazer! Está, então, estabelecido um jogo. Um jogo

com a Vida!

E o brincar assim segue um percurso. Da mãe, do pai, do corpo e do que ela pode fazer com os objetos, a criança passa a interagir com os outros. Organiza simbolicamente todas estas relações. Constrói, ajustando sua capacidade simbólica a realidade que vê e da qual participa e vai socializando-se. Surge, então, a necessidade da regra, como forma estruturada de coordenar as novas relações sociais. Nesta evolução, da atividade lúdica referindo-se ao movimento corporal – o jogo de exercício; passa ao jogo simbólico, ao faz-de-conta, a fantasia, insere-se no jogo de construção, como uma transição, uma adequação à realidade, para chegar ao jogo social, inserido na coletividade, nas trocas e na organização de regras necessárias ao convívio.

Mas há, ainda, uma evolução de preferências; eu diria mais de aparecimento do prazer, em determinados brinquedos. As crianças de todo o Mundo, indiferente de sua cultura ou de sua raça, apresentam um percurso paralelo ao desenvolvimento de suas adaptações cognitivas ao brincar.

Sua primeira atividade lúdica: o brincar de esconder, que aparece por volta dos quatro meses, após sua apropriação do esquema de pegar/trazer-para-si, irrompe em uma variedade muito grande de explorações distintas, com qualquer brinquedo que lhe esteja ao alcance. Mas, o chocalho, objeto que produza sons ao ser sacudido, toma enorme proporções. A palavra se anuncia através dos balbucios. O som que ela faz com seu corpo mistura-se aos sons dos objetos. Ela tenta repeti-los, constituindo um brinquedo verbal. E o som, que aparece e desaparece, ajudando-na a construir a permanência sonora, não pelo brincar de esconder, mas pelo interromper a ação. O brinquedo de perda e recuperação apresenta-se neste primeiro ano de vida, onde ela

experimenta, continuamente, juntar e separar objetos, fundamentando sua vida emocional.

O brincar de penetrar ou introduzir aparece na segunda metade do primeiro ano. Aberastury diz que “*Este grande descobrimento é o anúncio da forma adulta de manifestar amor...*” Interessante é que as diferenças dos sexos já podem ser amplamente percebidas. Meninos descobrem que algo penetrante pode entrar em objetos ocos; meninas descobrem que algo oco pode conter objetos.

Com o deslocamento, amplia-se seu campo de ação. Brincar de lambuzar-se com água, terra, areia, tintas, faz com que ela elabore o amor e o temor que sente pelas substâncias que saem de seu corpo. Neste modelo fantasiado de concepção, fezes e urina transformam-se no símbolo de sua capacidade criadora.

O tambor surge como a segunda esfera importante na vida da criança (a primeira foi o seio) que, juntamente com os globos e a bola, simbolizam o ventre fecundo de onde veio. Brincar de conceber está intimamente ligado ao brincar de lambuzar-se, pois ambas as brincadeiras evocam as fantasias de criação e de união. Os brinquedos esféricos logo transformam-se em comunicação e depois em objetos de descarga das tendências agressivas.

Surge o brincar de ter filhos: bonecas, bonecos e animais são amados e maltratados. Tudo, então, passa a servir de meios para experimentar a aprendizagem da maternidade e da paternidade.

Ao poder brincar de desenhar, aprende a capturar a imagem e esta capacidade de recriar os brinquedos e imobiliza-los a deslumbra. O brincar de ler as imagens dos livros surge como dueto aos seus desenhos e vamos vê-la repetir incessantemente certas cenas ou certas histórias.

Os brinquedos sexuais ganham força entre os três e cinco anos e a criança os experimenta nas mais variadas atividades: papai e mamãe, médico e enfermeira, namorados e casados, ganhando filhos.

Depois dos cinco anos, brincadeiras de conquista, mistério e ação fazem parte do universo dos meninos. Lutar, jogar-se ao chão, usar armas, ser “bandido” ou “mocinho”, povoam sua imaginação. Meninas dão preferência a brincar de casinha, mas nela, também se reproduzem cenas de conquistas (a vizinha, a comadre, a empregada, o pai), cenas de mistério (alguém chega, alguém fala o que não deve, há segredos a serem guardados ou coisas a serem descobertas) e ação (brigas entre casais, entre amigos, entre patroa e empregada). Nesta reprodução de relações sociais a fantasia não fica só na imaginação e se concretiza em roupas, sapatos, acessórios e outras tantas parafernálias que ela nos exige para brincar. As fantasias de super-heróis aparecem nos meninos e as máscaras permitem correr livre a imaginação, sem inibições...

Brincar de ler e contar abre o campo das estratégias e a possibilidade de jogar socialmente jogos cada vez mais estruturados e complexos. Raciocínio, perícia, sorte, começam a engendrar no mundo lúdico da criança. O egocentrismo dos primeiros tempos começa a abrir espaço à competição. Por mais que a abrandemos, ela está presente no universo infantil. Crianças competem e desejam ganhar. O triunfo de um sobre o outro está inscrito no Jogo da Vida! É uma velha mania, pensar ser possível superar um problema negando-o. Abrandá-lo

é importante. Uma longa aprendizagem será necessária para admitir o triunfo de dois ou mais, com valores iguais. É no seio do compartilhar e nas trocas sociais não deficitárias, que o competir ficará contido na necessidade de sobrevivência.

Brincar socialmente com o corpo, usar de movimentos que sejam estratégicos, que primem pelo raciocínio, que contenham regras organizadas, que abusem um pouco da sorte... Futebol, basquetebol, voleibol, amarelinha, bilboquê, bolinha de gude, roda...e tantas outras brincadeiras que encantam as crianças e transformam seus dias numa agradável festa.

Se o início da vida é “uma grande brincadeira” e trilhamos toda nossa infância aprendendo à compartilhá-la, por que desprender-nos de nossa ludicidade? “Saber jogar” é mais do que mostrar algumas brincadeiras e jogos às nossas crianças. É ter prazer em brincar.

Oliveira, citado num texto de Euclides Redin, diz que “*Naturalmente não proponho que um educador, ao pular amarelinha com uma criança, tenha o mesmo sentimento que ela, em relação ao jogo...*” De fato, um universo de experiências nos separa dos sentimentos infantis ao jogar. No entanto, o lúdico é uma das dimensões de realização humana e precisa estar contido no universo adulto.

**O Ser Humano, para desenvolver-se harmonicamente, precisa brincar.
O brincar significa “conhecer”,
significa “abocanhar o mundo lendo a alma das coisas”,
significa ter prazer em viver...**